

NOTAS A PARTIR DA OBSERVAÇÃO DE REDES SOCIAIS NA INTERNET: O “POLIAMOR”

Bianca de Jesús Silva¹

Introdução

A discussão sobre “poliamor” aqui será indicada a partir de um conceito mínimo, extraído de sites voltados para a temática² e ancorado no texto de Daniel Cardoso (2010), que aponta-o como: “[...] prática e identidade, no contexto das várias formas de “não-monogamia” responsável, ou ética, ou em consentimento, dependendo da origem da definição..”(CARDOSO, 2010. P.1). As colocações encontradas nos sites são próximas do apontamento de Cardoso, mas como visto na passagem, depende da origem de definição e da relação dos indivíduos que estão discutindo. Portanto, como a ideia da investigação se dá no levantamento da semântica construída em três³ grupos específicos estabelecidos a partir do serviço de rede social da internet “Facebook”. Vamos manter as colocações como conceito mínimo e buscar as suas relações entre liberdade, sexualidade e gênero.

Indicadas como categorias para análise, primeiramente a liberdade, que tangencia grande parte das discussões nos grupos, sendo está posta em relação a posicionamentos não-monogâmicos, e entre as colocações sobre individualismos de formas mais acentuadas. A sexualidade e as noções de gênero são postas em discussão, mas parecendo inerente a conquista de liberdade, uma vez que os indivíduos livres estão aptos a buscar suas próprias noções nesse âmbito, levando a construção da semântica do “poliamor”.

Devido à forma em que as relações são estabelecidas, ou seja, a partir do ciberespaço, entende-se a necessidade de levantar as questões acerca da discussão da temática da internet, entendida como espaço de debate teórico por várias áreas do saber. Indicado aqui pela perspectiva da antropologia e da comunicação social, usando Jon Ho Kim (2004) e Fabio

¹ graduanda do 7º período do curso de Ciências Sociais, pela Universidade Federal do Espírito Santo. Sob orientação da Professora Doutora Sandra Regina Soares da Costa.

² <http://sha-3p.blogspot.com.br/>
<http://poliamores.blogspot.com.br/2010/01/poliamor-relacionamento-aberto-amor.html>

<http://amoreslivres.wordpress.com/tag/poliamor/>

³ <https://www.facebook.com/groups/174693736042222/> último acesso 09/09/2014,
<https://www.facebook.com/groups/grupopoliamor/> último acesso 09/09/2014,
<https://www.facebook.com/groups/poliamor.rio/> último acesso 09/09/2014.

Malini (2013), que se propõem a pensá-la como mais um espaço de sociabilidade e propício para as análises interpretativas usadas pela antropologia.

Para trabalhar essa questão do ciberespaço, Jon Ho Kim (2004) elucida a relação com a internet como uma forma de interação assim como as outras formas de sociabilidade fora das redes sociais virtuais. Ou seja, o ciberespaço se apresenta como mais um espaço para ser analisado e não um novo espaço que demanda uma nova forma de abordagem. E assim, o autor reflete sobre essa questão colocando que construção do ciberespaço data de mais de um século, com a invenção do telefone, que permitia um contato imediato e não presencial, mas que não teve essa inclinação de mudança como apresentado para a internet. Sendo então essa forma de abordagem adotada na construção desse texto.

Proposta ator-rede

A proposta de ator-rede se insere a partir das críticas direcionadas à sociologia, indicadas por Latour (2012) a partir de seu trabalho feito sobre a obra de Gabriel Tarde, no sentido de reagregar o social no fazer da sociologia. Crítico ao método em que a sociologia se estabeleceu, aponta cinco fontes de incerteza, e, a partir das mesmas, propõe outra forma de fazer sociologia, chamada de ANT (actor-network-theory), que se afasta da sociologia do social a partir do seu método e modelo de análise:

- a natureza dos grupos: há várias formas contraditórias de se atribuir identidade aos atores;
- a natureza das ações: em cada curso de ação, toda uma variedade de agentes parece imiscuir-se e deslocar os objetivos originais;
- a natureza dos objetos: o tipo de agências que participam das interações permanece, ao que tudo indica, aberto;
- a natureza dos fatos: os vínculos das ciências naturais com o restante da sociedade parecem ser constantemente fonte de controvérsias;
- finalmente, o tipo de estudos realizados sob o rótulo de ciência do social, pois nunca fica claro em que sentido exato se pode dizer que as ciências sociais são empíricas. (LATOURE, 2012, p. 42).

O autor indica que a sociologia do social passou por um processo de construção que julga instável para o desenvolvimento da ciência e para seu contato com o social. Indica também que as relações, colocações e conceitos sobre o social também precisam passar por análise. Entendendo que os conceitos servem mais aos sociólogos do que ao social propriamente, uma vez que tais conceitos estão atrelados à parte das redes, fragmentando e tencionando para a separação do mundo social, sendo que na sua leitura não há como separar as dimensões. E

para analisar precisa-se compreender a rede e os atores, não os isolando a partir de chaves de análise dos processos que os compõe e os definem.

A tarefa de definir e ordenar o social deve ser deixada aos próprios atores, não ao analista. É por isso que para recuperar certo senso de ordem, a melhor solução é rastrear conexões entre as próprias controvérsias e não tentar decidir como resolvê-las. A busca de ordem, rigor e padrão não é de modo algum abandonada, apenas reposicionada um passo a frente sob a forma de abstração, para que os atores possam desdobrar seus próprios e diversos cosmos, pouco importa quão irracionais pareçam. (LATOUR, 2012 p.44)

Com a sociologia do social sendo analisada, passa-se também a observar o estudo dos grupos que a mesma veio trabalhado durante seu processo. Latour (2012) utiliza à teoria de Émile Durkheim, que apontava que para haver a formação de grupo esse deveria contar com signos e símbolos que fossem reconhecidos. Fazendo com que a partir do desaparecimento dos signos e símbolos os grupos também passariam a não existir. Com citação e crítica, rebate a colocação de Durkheim no que toca à formação de grupos somente a partir de signos e símbolos, e aponta um ritual de dança como exemplo, indagando-se que caso não houvesse uma dança, a dançaria e o grupo envolvido realmente deixaria de existir, e é pontual ao firmar que tal colocação é falsa, uma vez que o grupo pode se manter, relacionar e existir a partir de outras formações de relação em rede.

Com o acesso simples feito por muitos usuários, cria-se uma forma de se relacionar na internet, que não será colocada como realidade virtual, ou como dicotômica entre o **online** e **off-line**. Para não reforçar a ideia de que na internet as formas de se diferenciar da realidade são profícuas, mas mantendo a ideia de que os indivíduos colocam informações e colocações inerentes a sua existência e não uma criação que é usada somente na internet. Seguindo Malini (2013) que aponta que a realidade é forjada por uma complexidade que extrapola a discussão **online** e **off-line**, pois mesmo “desconectado” os sujeitos estão na rede. A ideia de rede remonta parte da discussão de Latour (2012), fazendo então essa relação ator–rede aparecer nas discussões sobre os estudos em redes sociais virtuais.

Ao trabalhar os conceitos de **intermediários** e **mediador**, Latour (2012) aponta os intermediários como postos de unidades que são trabalhados em relação a algo mais direcionado. E os mediadores são agentes complexos que se relacionam com mais esferas dentro das redes e grupos. Sendo então os intermediários trabalhando na sociologia do social e os mediadores na ANT. E como indicado por Rifiotis (2012), pode-se colocar essa relação de rede usando os computadores como mediadores, “Se fossemos coerentes com a perspectiva

então adotada, deveríamos falar em “comunicação intermediada por computador.” (RIFIOTIS, 2012. P.572).

Na busca acerca da metodologia, parece interessante levantar parte da crítica que vem sendo feita em forma de discussão sobre a necessidade ou não de metodologia/métodos específicos para a produção de pesquisas utilizando as redes sociais. No sentido de que para a antropologia como uma área do conhecimento estabelecida, não seria necessária essa diferenciação e discussão acerca da internet, e sim buscar as formas que a antropologia apresenta para o estudo, não fazendo a diferenciação entre internet ou campo real. O que parece razoável, uma vez que mesmo com a formação de grupos, manipulação de perfis de usuários por fakes⁴, ainda se inscreve um indivíduo que se apresenta de alguma forma nas redes, ou seja, mesmo não “vendo” o indivíduo, ele aparece às vezes de forma mais tortuosa para o pesquisador, mas que deveria ser encarado como uma dificuldade inerente à antropologia assim como tantos outros desafios encontrados e levantados por Daniel Alves (2012),

[...] Na tradição antropológica, quando as redes eram compostas por relações pessoa a pessoa, alguns desafios se impuseram: a) como delimitar as redes e seus subconjuntos; b) o que considerar como fluxo; c) qual a metodologia a ser aplicada (qualitativa ou quantitativa); e d) como descrever processos a partir das relações mapeadas. Os primeiros trabalhos sobre rede na antropologia tinham caráter mais qualitativo e exploratório. (ALVES, 2012, P 65).

Portanto inicia-se a análise dos três grupos com base na relação com o estudo das redes sociais virtuais a partir das considerações de Latour (2012). O acompanhamento sistemático teve início no final de dezembro de 2013, tendo em vista que a participação nos grupos era anterior à ideia de análise dos mesmos, e que foi construída justamente por esse contato prévio, de forma mais livre e com perfil de usuário particular, levando a observação de questionamentos feitos nos grupos que motivou a forma de investigação.

Poliamando na Rede.

⁴ Fake ("falso" em inglês) é um termo usado para denominar contas ou perfis usados na Internet para ocultar a identidade real de um usuário. Para isso, são usadas identidades de famosos, cantores, personagens de filme ou até mesmo outras pessoas anônimas. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Fake>.

Para chegar aos grupos citados, foi feita uma busca com acesso simples ao Facebook – usuário do autora – sendo encontrados 99 links que englobava a palavra chave de busca “poliamor”.

Páginas relacionadas ao "poliamor"	
Fanpage	23
Grupo Aberto	10
Grupo Fechado	34
Usuário	32
Total	99

Os grupos foram selecionados para análise usando como critério tempo e densidade das postagens, ou seja, os grupos foram escolhidos por quantidade de postagens, comentários e tempo de postagem, pois na busca foram encontrados vários grupos que não tem um fluxo ativo, ficando com postagens sem nenhum comentário ou retorno. Devido à fluidez e quantidade de informações que são encontradas nas redes, os grupos serão trabalhados de acordo com suas características da dinâmica de participação, buscando analisar os temas que são mais recorrentes dentro das postagens.

Os três grupos indicados contam com uma dinâmica de apresentação, cada novo membro adicionado ao grupo é convidado a se apresentar. Não há um padrão explícito para fazer as apresentações, mas no geral gira em torno da idade, profissão, orientação sexual, motivo pelo qual procurou o grupo e se já teve ou não relações poliamorosas. Nesse caso vamos indicar parte das análises observando as apresentações feitas ao entrar nos grupos. O motivo pelo qual procurou o grupo releva uma repetição de casos em que pessoas se colocam como não adaptados à monogamia e em casos de tentativas de enquadramento, tiveram relacionamentos complicados que não deram certo, encontrando de divorciados, a jovens que relatam sobre fim de relacionamentos sob a ótica da falta de liberdade que sentiam.

A média de idade pode variar, mas acaba ficando entre dos 20 a 35 anos. As apresentações que indicam a profissão, biólogo é a que mais aparece, tendo engenheiros, médicos, antropólogo, advogado, dentre outros, mas o que se observa como um dado interessante, é que a maioria tem ensino superior ou está em andamento, deixando margem para pensar em que contexto ou estrato social a discussão tem aparecido com mais frequência e assim como indica Duarte ““adoção do modelo do “indivíduo” prevalecente nos meios letrados e

dominantes de nossa sociedade” (Duarte, 2003.p 179) assim a relação com conhecimento da temática se apresenta em espaços de discussão nas universidades ou contato a partir de amigos que acabaram conhecendo também na academia ou espaços de estudantes, ligados a liberdade individual e social, como em eventos sobre feminismo e construção de pautas LGBT⁵.

Para analisar a relação com a sexualidade, vamos manter aqui a categoria orientação sexual voltado para o quantitativo, entendendo que esta é uma das discussões que estão a delinear a pesquisa, no sentido de questionar a categoria e como ela se apresenta de forma contraditória nos grupos.

A bissexualidade é a categoria mais citada, e até posta como a forma de ser poliamorista “Fora que sou BI e já acho que isso faz de mim uma poliamorista natural.” (postagem do dia 19/06/2014) aparecendo também homossexuais, heterossexuais exclusivos ou flexíveis, ou seja, que podem de alguma forma e em algumas situações flexibilizar suas orientação sexual em prol de parceiros específicos, deixando assim margem para pensar como vem sendo construída a noção de gênero, a partir da sexualidade.

Como no caso de uma jovem que se apresentou como homossexual, mas que pode ser apaixonar eventualmente por uma pessoa maravilhosa em um corpo masculino, afirmando que pode manter relações com outros parceiros, mesmo deixando sua posição sexual definida.

A ideia não é colocar a sexualidade compartimentada a partir de orientação sexual, mas sim levantar que o que é pontual nas apresentações sobre orientação sexual é esvaziado em outros debates, ou seja, ao fazer a apresentação maioria dos novos membros usam marcadores de orientação sexual, como homo/hetero/bissexual, mas em outras discussões retiram o marcador para elevar o lugar do “amor” nas relações.

Levando a uma talvez proposta pós-gênero na construção do “poliamor”, pois sempre usam marcadores de orientação sexual, mas em outros momentos, quando estão fazendo debates ou comentários acerca de determinados temas, as formas de se relacionar são postas em cheque utilizando a ideia de que se deve amar sem observar essas categorias de enquadramento de

⁵ LGBT, ou ainda LGBTTT, é a sigla de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros. Embora refira apenas seis, é utilizado para identificar todas as orientações sexuais minoritárias e manifestações de identidades de gênero divergentes do sexo designado no nascimento. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/LGBT>

gênero e sim se colocar como livre das formas de categorização sexual para manter suas relações.

“Sou adepta da Teoria Queer. Nada causa estranhamento a partir do momento em que não concebemos mais o binarismo imposto desde a questão de como o sexo biológico deve nos determinar como seres sociais. Plena liberdade de SER!” (Postado no dia 02/09/2014)

Em que esses enquadramentos estão postos para além do individual, é algo que Muskolci (2012) indica estar em processo, e as categorias são reais, mas talvez deixem de ser necessárias.

Se somos capazes de perceber que as pessoas cada vez menos cabem em binários como homem-mulher, masculino-feminino, hetero-homo, é porque mal começamos a compreender como as pessoas transitam entre esses pólos, ou se situam entre eles de formas complexas, criativas e inesperadas. (Miskolci, 2012, p 56)

No universo das apresentações poucas pessoas apresentaram-se relatando uma vivência que vai ser chamada de poliamorista no grupo, que consiste no efetivo relacionamento com mais de uma pessoa, mas só a exposição do desconforto para com a monogamia e motivação para buscar novas formas de relacionamento, pautadas pela liberdade, já os enquadram como poliamoristas. Sendo esse enquadramento feito por membros mais antigos do grupo, e até mesmo os mediadores, que em caso de exposição de dúvida de um novato, apresenta e o coloca como poliamorista ou não, como por exemplo:

“Hoje, estou namorando, ele mora no RS, sabe que eu defendo o Poliamor e sou super simpatizante, ou poli, não sei. Nosso relacionamento não é mono, nem poli, por enquanto está sem rótulos, mas a liberdade de poder conhecer outras pessoas e se apaixonar está totalmente aberta. Por enquanto estamos bem, juntos, só nós dois, se por acaso aparecer mais alguém que nos complete será ótimo.” (Postagem do dia 16/12/2013)

E em resposta um dos membros do grupo aponta: “pelo q vc diz, a sua relação é poliamorosa e vc é poliamorista” (Postagem do dia 16/12/2013)

A motivação para entrada no grupo, colocada nas apresentações expõe ao grupo as intenções dos novos membros e gera reações de aproximação ou afastamento como no caso de um rapaz que deixou explícita a procura por sexo a três, logo obteve a resposta categórica de outro membro “você entrou no grupo errado. Aqui é um local para conversas e encontros em locais públicos (como esse na foto de capa, aí em cima)” (postagem do dia 29/03/2014) pontuando que o grupo não é sobre sexo a três ou derivados da diversidade de atividade sexual, e sim um grupo que procura concentrar questões para desconstruir um padrão de relacionamento, a

partir de um debate aberto e sincero entre os membros, evidenciando que a relação desse grupo com a sexualidade está relacionada primeiramente às questões afetivas, o que pode ser observado em outras postagens com conteúdo similar sobre sexo a três, mas que envolvem a questão do sexo no envolvimento afetivo que permeia e permitiria essas relações sexuais mais dinâmicas, digamos assim.

As linhas gerais de aproximação com o grupo emergem da falta de adaptação para com o que se tem de tradicional, ou seja, um debate que esbarra prontamente nas discussões sobre mononormatividade e heteronormatividade, entendendo a heteronormatividade como algum maior do que a relação entre casais heterossexuais,

“A heteronormatividade é um regime de visibilidade, ou seja, um modelo social regulador das formas como as pessoas se relacionam. Em nossos dias, a sociedade até permite, minimamente, por sinal, que as pessoas se relacionem com pessoas do mesmo sexo; portanto, ao menos para alguns estratos sociais privilegiados, já não vivemos mais em pleno domínio da heterossexualidade compulsória. (Miskolci, p. 42)

E aparecem questões que revelam parte desse estrato social privilegiado colocado Miskolci (2012) como “Quais os seus limites no poliamor? Identidade de gênero, sexualidade, aparência, gostos? Ou você acredita não possuir nenhum tipo de restrição? (quero aprender mais sobre a diversidade dentro do Poliamor)” (postagem do dia 02/09/2014). E tem como resposta: “acho que a diversidade abrange todos os gostos pessoais do indivíduo (sobre o que ele acha atraente em outra pessoa, etc) só que sem as limitações monogâmicas rs” que se estende no post, sendo aqui reduzido e “Poliamor não tem restrições. .. somente amor, respeito e transparência. Não há limites... pelo menos eu vejo assim... bjks” (postagens do dia 02/09/2014).

Liberdade para o poliamorista

A liberdade se desdobra em vários momentos nos grupos aparecendo em relação à monogamia como algo maior do que uma forma de relacionamento, entendido como sistema, que tem regras, começo, história e intencionalidade, que pode ser patriarcal e heteronormativa, ou seja, o posicionamento sobre a “não-monogamia”, não representa somente uma forma de se relacionar intimamente, mas uma forma de ver o mundo e as relações que o constroem, assim quando Eduardo Viveiros de Castro e Ricardo Benzaquem (1977) em seu texto *Romeu e Julieta e a Origem de Estado* indicam a origem do estado moderno a partir de Romeu e Julieta, pode-se indicar fuga de mitos, mas agora esse mito não

tem origem grega que busca sua alma gêmea perdida pelo mundo para então se sentir completo. Ao contrário, busca uma liberdade individual de quem encara o mundo como uma possibilidade e não uma regra que tem que ser seguida.

A Monogamia representada pelos grupos está atrelada às amarras que estão postas ao se relacionar somente com uma pessoa sexualmente, afetivamente e amorosamente. Ao passo que se entende que o indivíduo é livre, assim como Romeu e Julieta se entenderam livre de suas famílias, agora o entendimento de liberdade se relaciona também à família, mas não a família de nomes e tradições de seus parceiros, mas da família tradicional, nuclear, patriarcal e heteronormativa que compõe o campo de possibilidades desses indivíduos.

E essa tal liberdade, que é tão recorrente nas apresentações e discussões, indica uma liberdade simétrica e igualitária. Pois se pensarmos que a poligamia seria uma forma de pensar outra organização familiar, logo se esbarra nos comentários de que é uma relação de poder e não uma perspectiva de relacionamento e o mesmo quando a poliandria é citada. Com isso observa-se um movimento de libertação não somente do padrão – casal homem e mulher – mas do casal homem e mulher, patriarcal, machista, homofóbico, heteronormativo e assimétrico.

Quando alguns Poliamoristas que reivindicam sem gênero e questionam a forma de apresentação normativa dos outros membros dos grupos, na verdade estão questionando as relações de poder e empoderamento presentes nos grupos. Que fica evidente quando um novo membro precisa se enquadrar até mesmo para poder falar de si, ou seja, usando as marcações de gênero e sexualidade, ficam entendidos por alguns dos membros, como os que comprometem potencial de liberdade que o “poliamor” poderia proporcionar. Sendo então o ideal para alguns que se indicam como sem gênero, ou que essas categorias fossem evitadas, até mesmo eliminadas das apresentações, quando essas fossem no sentido da liberdade eliminando a lógica de dominação presente nessas categorizações.

“Poliamor” e transformação

As apresentações parecem como um primeiro contato que pode ser transformado durante a permanência e aproximação do grupo, como em alguns casos de pessoas que chegam a apagar as postagens, para fazer uma nova apresentação, pois afirmam em suas novas apresentações que mudaram um pouco o que estavam pensando.

O caráter transformador percorre todas as dinâmicas do grupo, seja transformação da perspectiva de gênero ou de relacionamento. Um ponto de transformação muito comum está relacionado à monogamia. Sendo o modelo que não se adaptaram, ou seja, a transformação parece como algo que motiva busca e a permanência nos grupos. A partir de alguma dessas mudanças no jeito de pensar e ver as questões trabalhadas nos grupos, já aconteceu eliminação ou edições de algumas postagens, por jugarem e marcarem essas formas de mudança. E não estou indicando que as transformações são somente “pró-poliamor”, muitas pessoas deixam os grupos, alegando que a procura levou a outras questões, que até rompem com a ideia do “poliamor” construída no grupo, muitas vezes motivado pelo incomodo deixando por outros membros a lidar com as questões da sexualidade.

A saída do grupo de alguns membros é motivada por questões referentes a atividades sexuais, apontando que entendem o “poliamor” como algo maior do que relações sexuais deixam recados do tipo:

“Gente, me desculpem o desabafo, mas preciso dizer que já está ficando irritantes essas reclamações idiotas do tipo: 'Achei que aqui era grupo de poliamor e não polisexo', 'Isso aqui tá virando classificado de sexo e não tô gostando' e etc...Poutz, óbvio que o foco aqui não é sexo, mas sexo também se faz com amor, sabia? A essa altura eu não pensava que esse tema discutido abertamente ainda fosse incomodar tanta gente (o que é estranho, já que sexo é algo muito normal, e estamos num grupo sobre poliamor, que convenhamos, segundo os padrões da sociedade, não é algo tão normal assim... vá entender a lógica na cabeça dessa gente) e gerar conflitos. Portanto eu gostaria de saber: O que vocês esperam desse grupo? Porque eu já vi debates sobre o que é poliamor, já vi a galera contando as experiências que tiveram, sobre o que almejam e etc e não entendo o motivo de toda essa comoção sobre sexo - que aliás, eu pelo menos não vi nada sobre aqui.” (Postagem do dia 31/08/2014)

Essa forma de construir o “poliamor” pode ser indicada e analisada a partir das colocações de Donna Haraway (2000), no que diz respeito à dinâmica atual em que se inscrevem as interações sociais e a sua relação/inerência com a tecnologia, para pensar de que forma vem se construindo essa discussão podemos procurar de forma mais pontual a discussão sobre os ciborgues de Haraway (2000), a luz do que vem sendo discutido nos grupos, como uma tentativa de aproximação com a teoria e a pensar também de que forma essa relação híbrida aparece na proposta de Bruno Latour (2012).

O Ciborgue poliamorista

Como a proposta é sobre aproximação com a temática, entende-se a necessidade de levantar os questionamentos para tal busca, primeiro fica evidente a ideia de que o ciborgue está inerente à tecnologia. Tecnologia essa que aqui se inscreve na relação com as máquinas, no

caso, que permitem a relação dos atores nos campos virtuais, essa colocação nos propõe pensar de que maneira esses atores, se apresentam na proposta de ator-rede de Latour (2012).

Ao pensar que a semântica e a construção do conceito aqui analisados encontram-se em uma rede de relacionamento virtual “facebook” se pode indicar uma forma híbrida de relação, na qual o indivíduo precisa da tecnologia para se portar e permanecer nos grupos. Então ao se colocarem nos grupos, as ideias são extraídas de suas discussões e dinâmicas.

Com o levantamento de produção e reprodução dos grupos, a partir do contanto com as máquinas, e assim agora seguindo Haraway (2000) se inscreve no que vem sendo posto como antropologia do ciborgue, que entende as relações dos sujeitos no mundo livre de dicotomias, como natureza e cultura, livrando do entendimento do que é natural ou cultural, e colocando como produção de realidade de indivíduos a partir de uma perspectiva, o que Latour (1991) aponta com híbrido.

Sendo o ciborgue um potencial expurgador de relações holistas,

“Diferentemente das esperanças do monstro de Frankenstein, o ciborgue não espera que seu pai vá salvá-lo por meio da restauração do Paraíso, isto é, por meio da fabricação de um parceiro heterossexual, por meio de uma complementação em um todo, uma cidade e um cosmo acabados. O ciborgue não sonha com uma comunidade baseada no modelo da família orgânica mesmo que, desta vez, sem o projeto edípico. O ciborgue não reconheceria o Jardim do Éden; ele não é feito de barro e não pode sonhar em retornar ao pó. É talvez por isso que quero ver se os ciborgues podem subverter o apocalipse do retorno ao pó nuclear que caracteriza a compulsão maníaca para encontrar um Inimigo. Os ciborgues não são reverentes; eles não conservam qualquer memória do cosmo: por isso, não pensam em recompô-lo. Eles desconfiam de qualquer holismo mas anseiam por conexão – eles parecem ter uma inclinação natural por uma política de frente unida, mas sem partido de vanguarda. O principal problema com os ciborgues é, obviamente, que eles são filhos ilegítimos do militarismo e do capitalismo patriarcal, isso para não mencionar o socialismo do estado. Mas os filhos ilegítimos são, com frequência, extremamente infiéis às suas origens. Seus pais são, afinal, dispensáveis.” (HARAWAY, 2000. P, 40).

O individualismo se apresenta, e é reforçado a cada momento em que um membro do grupo questiona família, estado, orientação sexual, gênero, raça e classe. O ciborgue se apresenta livre da origem, e pensar em origem de relacionamento tradicional pode-se pensar em monogamia, que aponta para o holismo e construção de história em conjunto, o ciborgue quer efetivar sua liberdade, sem limitar nem mesmo sua identidade. Próximo ao individualismo, logo afastando-se do holismo.

Haraway (2000) radicaliza ideia de que os indivíduos são somente produção de poder e origem. E ao pensar a relação ciborgue, entende-se a necessidade de colocar as questões de Donna Haraway (2000) em seu livro *“O Manifesto Ciborgue”* para pensar uma relação tão intrínseca a tecnologia, mas que com outros contatos e outras relações se apresenta com mais alta coerência sobre a reflexão da relação atual do humano e com a máquina. Haraway (2000) em “todos somos ciborgues”: “No final do século XX, neste nosso tempo, um tempo mítico, somos todos quimeras, híbridos – teóricos e fabricados – de máquina e organismo; somos, em suma, ciborgues” (HARAWAY, 2004, P. 37), entende-se o quão próximos e relacionados com as essas tecnologias.

Mas nesse momento a intenção se limita a pensar como se dá a relação dos grupos que estão construindo a semântica de um conceito de relacionamento, uns até chegam a chamar de estilo de vida, a partir desse contato inorgânico e descolado do contato pessoal.

A ideia é imaginar de que forma essa relação ciborgue, pensando a relação dos humanos com as máquinas, para se fazer falar e se fazer pensar, ou seja, os grupos são formadores de conceitos e de redes e sub redes. Pensando assim, todos os poliamoristas seriam ciborgues por estarem nesse meio de interação, especialmente como sujeitos que estão construindo um projeto de vida inerente ao ciborgue, por um meio tecnológico e potencializando a interação.

Considerações Finais

A ideia de relacionar o que se tem como uma construção da semântica do “poliamor” nos grupos de discussão no Facebook, com temas relacionados à antropologia e à tecnologia inscreve-se no sentido de que, ao pensar as redes de Bruno Latour (2012), as colocações de Donna Haraway (2004) e ainda o ciberespaço com Jon Ho Kim (2004), pode-se levantar uma ideia evidente de que o espaço em que vem sendo construída essa semântica faz diferença na formação do conceito construído pelos grupos.

Entendendo também que os grupos tenham desdobramentos, como encontros presenciais, não se pode negar a relação estabelecida a partir da tecnologia e me parece fundamental refletir sobre questões na antropologia, com a ideia de não limitar a análise somente aos humanos, como indica Latour (2012), mas também de avaliar a proposta de que, se inserir na web, e pensar as relações com a tecnologia atualmente é pensar o humano. Portanto o “poliamor” aparece como uma temática que reúne uma série de questões e desdobramentos que estão

ainda em processo de construção tanto para os grupos, como para as pesquisas. Com isso, as ideias expostas são a tentativa de aproximar as relações com o que vem sendo posto nas ciências sociais, com limitações a entendimento de que o processo está em andamento.

E, no processo, a recorrência de polos de oposição para a construção da semântica do “poliamor” apresenta-se como extrema relevância, no sentido de que as trocas e as relações inerentes ao curso da temática, estão cada vez mais postas, mas não dizem respeito somente ao que foi dito pelos grupos, mas onde se inscrevem na realidade dos indivíduos que compõem os mesmos e estão pensando a negociação da realidade a partir de uma demanda específica sobre relacionamento que se desdobra em outras questões na esfera da vida.

Referencia Bibliográfica

ALVES, Daniel. *Aportes teóricos-metológicos para o estudo de redes transnacionais de líderes pentecostais e carismáticos*. Horizonte antropológicos, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p45-71, naj/jun. 2012.

CARDOSO, Daniel. *Amando vári@s –Individualização, redes, ética e poliamor*. Tese (mestrado em ciências da comunicação), Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova Lisboa, 2010.

CLIFFORD, James. *Sobre a autoridade etnográfica*. In: *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. *Indivíduo e pessoa na experiência da saúde e da doença*. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, 2003. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232003000100013&lng=en&nrm=iso>. access on 14 Sept. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232003000100013>

HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz (Org.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000.

KIM, Joon Ho. *Cibernética, ciborgues e ciberespaço: notas sobre as origens da cibernética e sua reinvenção cultural*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 199-219, jan./jun. 2004.

LATOURE, B. *Reagregando o Social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Salvador: Edufba, 2012; Bauru, SP: Edusc, 2012.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. *A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais*/ Fábio Malini e Henrique Antoun. – Porto Alegre: Sulina, 2013.

MILLER, Daniel & SLATER, Don 2004. *Etnografia on e offline: cibercafés em Trinidad*. Horizontes Antropológicos, v. 1, n. 21, ano 10, p. 41-65.

MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: Um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autentica editora: UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto, 2012. (Série Cadernos da Diversidade; 6)

RAMOS, Margarita Danielle. *Reflexões sobre o processo histórico-discursivo do uso da legítima defesa da honra no Brasil e a construção das mulheres*. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v.20, n.1, Apr. 2012.

RIFIOTIS, Theophilos. *Desafios contemporâneos para a antropologia no ciberespaço. O lugar da técnica*. Civitas - Revista de Ciências Sociais, Septiembre-Diciembre, 566-578. 2012.

SOUZA, Cláudia Machado. *Corpos e afetos autônomos: um estudo sobre a perspectiva não monogâmica da Rede de Relações Livre (RLi)*. Artigo apresentado no 1er Encuentro Latinoamericano de Investigadores sobre cuerpos y corporalidades em las culturas. 1 al 3 de agosto de 2012 - Fac. de Humanidades y Artes, Universidad Nacional de Rosario, Rosario, Argentina.

VAINFAS, Ricardo. *Casamento, amor e desejo no ocidente cristão*. São Paulo. Editora Ática. 1986.

VELHO, Gilberto, 1945-2012 – Um antropolgo na cidade: ensaios de antropologia urbana / Gilberto Velho; [organizadores Hermano Vianna, Karina Kuschnir, Celso Castro] – rio de janeiro: Zarah, 2013.

VIVEIROS DE CASTRO, E. e Benzaquen de Araujo, R. *Romeu e Julieta e a origem do Estado*. In: Velho, G. (org). *Arte e Sociedade – Ensaio de sociologia a arte*. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1977.